

SOBRE A RESIGNAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DA SUBJETIVIDADE NO CONTEMPORÂNEO¹

Adriano Lourenço da Silva (UNIABEU)

Wallace da Costa Brito (UNIABEU)

Diogo César Nunes (UNIABEU)

RESUMO

No presente texto, abordaremos a resignação como uma chave de compreensão da constituição da subjetividade no contemporâneo. O homem mediano contemporâneo tem-se caracterizado, em grande medida, como desprovido da capacidade de refletir, de repensar(-se) e reinventar sua existência, pois a constituição da subjetividade encontra-se submetida à lógica do consumo, da produção e da reprodução esquemática e mecanizada da aparente normalidade social. Tomada a estrutura moderna como natural, perde-se o eixo de sustentação simbólica de modo que, como dizem Soares e Ewald, se aferra ao consumo como ancoragem identitária: fragilizada, portanto, superficial, precária de sentidos e preenchida de sofrimentos diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Resignação; Subjetividade; Contemporaneidade; Teoria Crítica.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi redigido como parte do Projeto de Iniciação Científica, em curso no período de dezembro de 2012 a dezembro de 2013, na UNIABEU, Belford Roxo/RJ, cujo tema é "Tempo e Mal-Estar na Contemporaneidade: Tédio, Monotonia e Reificação", conduzido sob a orientação do professor Ms. Diogo Cesar Nunes da Silva. A pesquisa está vinculada ao Curso de Graduação em Psicologia e ao Grupo de Estudos "Teoria Crítica & Subjetividade", coordenado pelo mesmo professor e que reúne alunos da graduação em psicologia de diversos períodos, como ligada também ao Grupo de Pesquisa liderado pela Professora Ariane P. Ewald (UERJ), "Subjetividade, Narrativas, Imagens" (CNPq).

Neste projeto, um dos objetivos é realizar um estudo teórico do referencial conceitual da Teoria Crítica da Sociedade. No presente texto, faz-se um recorte onde é colocada a noção de resignação, a partir da hipótese de que esta possa ser articulada como uma chave de compreensão da constituição da subjetividade no contemporâneo. As posições teóricas e críticas aqui apresentadas se embasam também em autores como Olgária Matos (2010), Jorge Coelho Soares e Ariane Ewald (2004), Joel Birman (2006), Zygmunt Bauman (2007) e Tony Judt (2011), numa dupla indicação: 1) de que uma perspectiva sociologicamente orientada é um caminho viável e pertinente de análise e reflexão sobre a condição do indivíduo no mundo moderno/contemporâneo; 2) e de que esta condição é marcada por uma "patologização" da vida (social e íntima), na medida em que, resignado, o indivíduo médio é submetido a uma lógica existencial baseada no mal-estar (BIRMAN, 2006) e no sofrimento psíquico (SOARES; EWALD, 2004).

¹ Uma versão inicial deste texto foi apresentada no Grupo de Trabalho 5: Saúde e Sociedade, do II Encontro Interdisciplinar de Saúde UNIABEU, evento acadêmico promovido pelo UNIABEU Centro Universitário, Belford Roxo/RJ, entre os dias 27 e 29 de maio de 2013, com o tema "A Humanização da Saúde". O texto, em sua configuração e formatação, que foi redigido conforme os parâmetros exigidos pela comissão organizadora do evento, está revisto, ampliado e adaptado às normas da revista.

METODOLOGIA

Toma-se como base, contudo sem ortodoxia, o referencial teórico e conceitual da Escola de Frankfurt (Teoria Crítica da Sociedade), marcado pela articulação do pensamento freudiano com o marxista, e pelo projeto ó (õsemprö) inacabado, porém ó de constituição de uma Psicologia Social transdisciplinar, plural e crítica. De acordo com nosso referencial, o método é apresentado como õinterpretação críticaõ, no sentido adorniano, que busca provocar, através de leituras dialógicas, encontros e desencontros teóricos e conceituais entre autores e livros. Tomando como orientação teórica básica a obra **Dialética do Esclarecimento**, de Adorno e Horkheimer (1985), tratamos de articular os argumentos presentes neste livro acerca da condição do homem médio contemporâneo aos tomados de outras leituras, de aprofundamento e diversificação do tema proposto.

DISCUSSÃO

O homem civilizado, neste tempo da hipermodernidade, de solidificação do projeto da õracionalidade instrumentalõ, consolidou modos de ser e estar em consonância com o espírito capitalista. Está focado no õdesejoõ de alcançar um melhor lugar no jogo sem fim do saber-poder submetido à lógica do capital. Sua aspiração é õsonho de consumoõ, e as significações que lança sobre si mesmo, como apontou Marcuse (1973), não se descolam dos valores fantasmagóricos da mercadoria õfetichizadaõ. Na expressão de Adorno & Horkheimer (1985, p. 144): õA vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadasõ.

Sob a égide da técnica, o homem moderno se apega ao culto do õbem estarõ, buscando cercar-se de garantias e de formas diversificadas para exercer controle de si, dos outros e de seu tempo, todavia, desta maneira, contribui para a reprodução de uma subjetividade que acaba por tornar o indivíduo um objeto administrado, de sensibilidade esmorecida, facilmente subjogado. Sobre tal condição, Marcuse argumenta:

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (MARCUSE, 1973, p. 114).

Os teóricos da Escola de Frankfurt alertam que, ao reduzir a sociedade hipermoderna ao domínio da técnica, corremos o risco de ter como resultado um mundo essencialmente desengajado, andando a passos largos para um futuro desolador. Em sua obra clássica intitulada **Dialética do Esclarecimento**, Adorno & Horkheimer falam sobre suas ideias: õO que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárieõ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

Deste modo, o indivíduo médio, como diz Bicca (2003), que é capaz de entender e ser entendido facilmente através do vocabulário midiático, vive sob o signo da resignação, assumindo estilos de vida ditados pela tendência dominante. Sendo assim, não se dá conta de sua submissão; caso tenha alcançado êxito em sua adaptação ao todo socialmente imposto, sente-se alguém, em certa medida, melhor que muitos outros, vivendo mecanicamente e sequer imaginando a possibilidade de ter-se construído diferente ó ou ainda, e sobretudo, de se pensar õsujeitoõ efetivo da construção de um mundo diferente.

O historiador inglês Tony Judt considera que:

O conformismo é tentador: a vida comunitária parece bem mais fácil quando todos concordam com todos, onde a discordância é atenuada pelas convenções da acomodação. Sociedades e comunidades onde a

discordância inexistente ou se decompõem não apresentam bom desempenho. Há um preço a pagar pelo conformismo. Um círculo fechado de opiniões ou ideias no qual o descontentamento ou a oposição jamais são permitidos - ou aceitos apenas dentro de limites predeterminados e artificiais - perde sua capacidade de reagir a novos desafios com energia ou imaginação (JUDT, 2011, p.147).

Com efeito, observa-se na contemporaneidade (expressão tardia da modernidade) que há o aprofundamento de um estilo de vida em cuja dinâmica muitos mergulham avidamente. O homem mediano de hoje tem por entendimento comum que sua época é de grande avanço e desenvolvimento, atribuindo tal avaliação ao aparato tecnológico que foi capaz de criar e que não cessa de inovar. A espontaneidade perde espaço para o pensamento mecanizado. Considera-se, assim, de algum modo, superior aos homens de outras épocas, confiando devotadamente na noção de progresso do qual se sente testemunha e participante. Basta observar a estranheza que causa em muitos o fato, por exemplo, de alguém não estar hoje conectado nas redes sociais ou não ter um aparelho celular, ou, até mesmo não dispor de um aparelho de TV. Há de se convir que, na atualidade, estes são artigos considerados praticamente obrigatórios para qualquer um na vida cotidiana, pois esta espécie de omissão moral se sustenta em diversos e diferentes dispositivos, localizados tanto nos mundos do trabalho e escolar, como, cada vez mais, nos espaços da vida íntima. Nessa perspectiva, é preciso, pois, estar ligado, conectado, enfim, atualizado, intensificando, então, sua participação na dinâmica midiática sem se dar conta de que, assim, está, de alguma forma, sob controle. Sobre esse aspecto, Marcuse expõe ainda:

Se os indivíduos estão satisfeitos a ponto de se sentirem felizes com as mercadorias e os serviços que lhes são entregues pela administração, por que deveriam eles insistir em instituições diferentes para a produção diferente de mercadorias e serviços diferentes? E se os indivíduos estão pré-condicionados de modo que as mercadorias que os satisfazem incluem também pensamentos, sentimentos, aspirações, por que deveriam desejar pensar, sentir e imaginar por si mesmos? (MARCUSE, 1973, p. 63-64).

Salvo o aspecto positivo que possuem as tecnologias, facilitando, por exemplo, a comunicação, o que aqui se coloca sob atenção e reflexão é este estar ligado tecnologicamente, que não quer dizer, para a grande massa de pessoas, ir em direção oposta ao que se tornou a sociedade e a vida, sequer vislumbrando outras formas pelas quais poderiam ser imaginadas e vivenciadas. Ao contrário, cada indivíduo torna-se uma simples particularidade de um todo socialmente hegemônico, como assinala Bicca:

Desenrola-se [...] o drama de uma vida cotidiana como culto do bem-estar garantido pelo progresso técnico. Suas personagens destacadas, missionários de uma ideologia parasitária da descoberta tornada rotineira e previsível, amam toda normalidade e regularidade. [...] aquela farsa de uma vida sem vitalidade, da existência como mera sobrevivência, [...] Evidencia-se nesses termos o caráter implacável e sem consolo de uma vida concentrada em coisas, orientada para a posse crescente de objetos e para sua manipulação: no fato de que esse tipo de vida fecha o indivíduo sobre si mesmo, lançando-o na luta sem esperança contra outros indivíduos, igualmente hostis, a competirem pela posse de coisas que lhes darão poder e satisfação. Entre as várias mazelas que atormentam a existência humana dita civilizada, uma que é frequentemente trazida à baila pelos críticos da civilização moderna é a homogeneidade ou uniformidade que afeta a vida cotidiana. (BICCA, 2003, p. 14).

Ao avanço tecnológico inquestionável de nosso tempo contrapõe-se o ôatrofiamto da ética. Nesse passo, toma-se para muitos como referência única e insuperável o entendimento do mundo e sua condução segundo a ideologia capitalista. Por conseguinte, o homem mediano contemporâneo tem-se caracterizado, em grande medida, como desprovido da capacidade de refletir, de repensar(-se) e reinventar sua existência. Depreende-se disso que, estando submisso, pensa, sente e age em conformidade com a lógica do capital, como aponta o filósofo brasileiro:

O progresso dos modernos é muito técnico e pouco ético, dado que a compreensão do mundo, assim como as relações humanas, que deveriam assentar em preceitos morais, são cada vez mais submetidas a critérios técnicos, o que contribui prioritariamente para sua esterilização e para seu definhamento (BICCA, 2003, p. 24).

A vida contemporânea nos empurra, assim, num movimento constante, incessante. É preciso estar em ôagitação, sempre fazendo algo, ocupado, mesmo que este movimento seja ficar parado em frente a uma tela jogando, ônavegando o dia inteiro. Quem não se movimenta, ou melhor, quem não assimila esta maneira de estar no mundo é considerado anacrônico. Marcuse observou como o indivíduo hodierno se permite levar pelo socialmente instaurado, e como este se torna autor e vítima de uma vida acelerada, e, naturalmente desengajada.

Nascemos e morremos racional e produtivamente. Sabemos que a destruição é o preço do progresso, como a morte é o preço da vida, que a renúncia e a labuta são os requisitos para a satisfação e o prazer, que os negócios devem prosseguir e que as alternativas são utópicas. Essa ideologia pertence ao aparato social estabelecido; é um requisito para o seu funcionamento contínuo e parte de sua racionalidade (MARCUSE, 1973, p. 143).

Nota-se que não poucas pessoas apresentam uma ôcompulsão pelo fazer e um "medo de parar. Talvez porque parar levará a pensar, a refletir, a deixar os sentimentos virem à tona, uma vez que estes são, impositivamente, deixados de lado ou relegados a segundo plano, pois o que se impõe e procura é obter êxito, vitória, conquista. É necessário, portanto, que cada um se mostre capaz, competente e envolvido com um mundo que, ôobsessivamente, não para. O indivíduo médio resignado mergulha, então, em uma luta na qual se põe a admirar os vencedores, desejando ser um deles. No dizer de Bauman:

O que resta para suas preocupações e esforços, e que deve atrair a maior parte de suas atenções e energia, é a luta contra a *derrota*: tente ao menos permanecer entre os *caçadores*, já que a única alternativa é se ver entre os *caçados*. Para que seja desempenhada adequadamente e com chance de sucesso, a luta contra a derrota vai exigir sua plena e total atenção, vigilância 24 horas por dia, sete dias por semana, e acima de tudo manter-se em movimento ó tão rápido quanto puder... (BAUMAN, 2007, p. 109).

Em manifesta preocupação com os rumos da sociedade, Judt considera fundamental haver envolvimento e participação política como meio efetivo de se exercer a cidadania:

O impulso moral é irrepreensível. Mas repúblicas e democracias só existem em virtude do engajamento de seus cidadãos na condução dos

negócios públicos. Se cidadãos ativos e preocupados descartam a política, eles abandonam a sociedade aos mais medíocres e venais servidores públicos (JUDT, 2011, p. 153).

Também segundo Tony Judt, nos EUA, apesar do culto à liberdade, qualquer movimento para fora é visto com maus olhos, não se vislumbra a ideia que algo possa substituir seu modo de vida, tão consolidado e instituído. Poucos militares e autoridades políticas tiveram coragem de criticar a invasão ao Iraque, por exemplo, e estes levavam ares de traidores. Na Europa de hoje, de característica populista, a discordância de opinião é incomum. A análise crítica do historiador inglês a respeito da Europa e dos EUA, estendida ao nosso país, faz notar que, a cada dia, aparecem escândalos de corrupção, obras faraônicas e obsoletas facilmente esquecidas e atenuadas. Com isso, a coragem moral para sustentar um ponto de vista diferente e levá-lo adiante, diz o historiador, continua em falta em grande parte.

Para Judt, sociedades religiosas já produziram dissidências eficazes e duradouras; movimentos e partidos políticos também possuem histórico de criar congregações não conformistas. Todavia, nas décadas recentes, a dissidência passou a estar intimamente ligada aos intelectuais. Porém, dentre estes, muitos hoje não demonstram interesse pelas políticas públicas, preferindo protestar em tópicos e militâncias eticamente definidos (como Greenpeace, WWF ou Médicos sem Fronteiras). Assim, esta divergência tão rica e tão necessária não chega onde poderia chegar.

Seria preciso, portanto, perder o ómedo de criticar não somente aqueles que nos governam, mas a própria estrutura do mundo social moderno. Contudo, para fazer isso com credibilidade, precisaríamos nos livrar do círculo vicioso da resignação e do conformismo, resgatando, nesse passo, uma dimensão esquecida dos laços sociais, qual seja, baseada na fraternidade e na noção democrática de que os destinos dos homens dependem da ação política. O medo, dizem Bauman (2007) e Bicca (2003), é dominante nas sociedades contemporâneas, como uma espécie de contrapartida ãautoinibidoraã ao vasto campo de possibilidades que o capitalismo supostamente abre à frente do indivíduo. Como afirmam Soares e Ewald (2004), esta ideológica ó ou seja, falsificada ó abertura de possibilidades, que não dissocia da ideia de que o indivíduo deve òvencerõ ó inserido que está na lógica da competição ó acarreta no òensimesmamentoõ, no ònarcisismoõ. A condição básica do indivíduo (egocêntrico) moderno é a òdesolaçãoõ, diz Joel Birman, ou o òdesamparoõ. De um modo geral,

[...] os processos de racionalização científica e burocrática do espaço social, correlatos que seriam do desencantamento do mundo, [que] caracterizariam a modernidade [...], transformariam radicalmente as individualidades e as comunidades, de forma que o empobrecimento simbólico daí resultante e a violência produzida abririam o horizonte para um mal-estar progressivo nas relações sociais. As diversas modalidades de violência que se constituiriam desde então, assim como a sofisticação destruidora assumida pelas novas tecnologias da guerra, seriam a revelação mais eloquente disso no espaço social (BIRMAN, 2006, p. 25).

Submetida a constituição da subjetividade à lógica do consumo, da produção e da reprodução esquemática e mecanizada da aparente ònormalidadeõ social, tomada a estrutura moderna como ònaturalõ, perde-se òo eixo de sustentação simbólicaõ de modo que òse aferra ao consumo como ancoragem identitáriaõ, fragilizada, portanto, superficial, precária de sentidos e preenchida de sofrimentos diversos (SOARES; EWALD, 2004). Neste sentido, seria a própria òapatiaõ uma forma de òpatologiaõ, socialmente orientada, ao revelar a òdesmotivação para escolhas e deliberações, abrindo-se o campo da monotonia, de tal modo que se configura a patologia do presente como perda do sentido da vida em comum dos homensõ (MATOS, 2010, p. 177).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos anos 1940, Adorno & Horkheimer constataram e alertaram acerca da submissão do homem ao todo socialmente imposto. Desde então, a civilização que implacavelmente criticaram e na qual sinalizaram sinais claros de definhamento e avanço da barbárie, se sofisticou ainda mais e segue

impetuosamente rumo o futuro que, nada mais tem sido que uma reprodução do presente ó um sempre mais do mesmo ó, revestido por novas embalagens.

Essa sofisticação inevitável dos dias atuais é traço de uma sociedade que depositou sob a técnica a esperança de controle e segurança, como se esta fosse lhe proporcionar uma felicidade plena, racional e de fácil reprodução, e ainda, como se fosse capaz de afugentar para longe o desconhecido. Porém, nesta busca, o homem tem sua individualidade sistematicamente reprimida, suas emoções não são levadas em conta e suas sensações são condicionadas para o movimento possuir cada vez mais, e lutar contra a dominação cada vez menos, e sempre reproduzindo esse comportamento adiante, para Adorno & Horkheimer (1985, p. 27) ãA unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduoö.

A repetição, a monotonia, a busca por ãnovidadesö tecnológicas que, ao meio e ao fim, impossibilitam um autêntico ãnovoö, provocando a reprodução da ãmesmidadeö, correspondem ao compartilhamento do tédio e da ansiedade, num movimento de ãconstante velamento sobre si mesmoö (SOARES; EWALD, 2004), de ãfragilização das relações sociais, de definimento do espaço públicoö. Autor e obra deste curso de reificação, o sujeito médio resignado se conforta na ãpatiaö, no apreço ao conhecido, no sonho ãfabricadoö, como chamou Adorno (2008), que não faz outra coisa senão confirmar a ordem existente, que lhe parece natural.

Nesta ordem da monotonia, o inimigo combatido, isto é, aquele não resignado, que ousa dizer não a esta parafernália e sonhar com a possibilidade de uma vida diferente, é também aquele que insiste em pensar (Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Alguém que não foge da angústia, condição essencial para qualquer esperança verdadeira e possibilidade de mudanças. Ele continua pequeno, frágil e perplexo frente a este estado de coisas. Ele é, ainda hoje, concebido como um estranho, alguém indesejado, desprezado ou até mesmo aniquilado, pois, como outrora disseram os dois pensadores frankfurtianos: ãO inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensanteö (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 140).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **As estrelas descem à Terra:** a coluna de astrologia do Los Angeles Times. [Tradução: Pedro Rocha de Oliveira]. São Paulo: UNESP, 2008.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. [Tradução: Guido Antônio de Almeida]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** [Tradução: Carlos Alberto Medeiros]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BICCA, Luiz. **Questões persistentes.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- JUDT, Tony. **O Mal ronda a terra:** um tratado sobre as insatisfações do presente. [Tradução: Celso Nogueira]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial:** O Homem Unidimensional. [Tradução: Giasone Rebuá]. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MATOS, Olgária. **Benjaminianas:** cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2010.
- SOARES, Jorge Coelho; EWALD, Ariane P. Reflexões à sombra de Adorno: cultura do consumo, vazio existencial e sofrimento psíquico. **Nomadas, Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas**, Universidade Complutense de Madrid, Madri/Espanha, Número Especial: monográficos (MA.O) Theodor W. Adorno (1903-2003), p. 1-12, 2004. Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/Nomadas.pdf> Acesso em: 12 dez. 2013.

THE RESIGNATION OF THE CONTEMPORARY ORDINARY SUBJECT

ABSTRACT

In this paper, we discuss the resignation as a key to understanding the constitution of subjectivity in the contemporary. The contemporary average man has been characterized largely as lacking the ability to reflect, rethink (up) and reinvent its existence, as the constitution of subjectivity lies subject to the logic of consumption, production and reproduction schematic and mechanized the apparent social "normality", making the modern structure as "natural", you lose "the axis of symbolic support" so that "clings to consumption as an identity anchor" fragile, so superficial, devoid of senses and filled with many sorrows (SOARES; EWALD, 2004).

KEYWORDS: Resignation; Subjectivity, Contemporary, Critical Theory